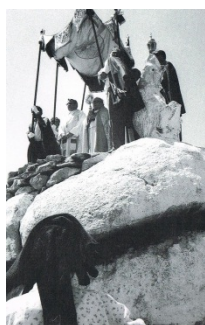


Bandas Festas e Romarias



Despovoavam-se vilas e aldeias por causa de uma romaria. Para as romarias os romeiros começavam a sair pela madrugada a pé, de burro ou de cavalo. Alguns – principalmente as senhoras- deslocavam-se em carros de bois ornamentados, que há um século atrás era um luxo. Pelos caminhos iam ranchos de gente do campo, moçoilas a cantar e muita alegria no ar...

Chegando ao lugar da romaria...ah! Que formoso sítio aquele! Junto da capelinha, que era modestíssima, estendendo-se num vasto carvalhal onde só ténues raios de sol conseguiam penetrar...aos troncos dos carvalhos estavam amarrados numerosos burros, cavalos, bois e até cabras e ovelhas. Aqui e ali ondulava uma dança de roda, mais além um pequeno grupo sentado na relva ou em cima de algum penedo com o seu farnel que incluía invariavelmente cabaças de vários tamanhos atestadas de vinho.

Em muitas procissões iam os andores onde debaixo deles estavam criaturas anémicas mas cheias de fé, franzinas mas resplandecentes no olhar vivo e crente. As bandas davam um colorido sonoro ficando a procissão ainda mais bela e disciplinada no seu caminhar. Quando havia duas filarmónicas a que fazia os devotos chorar, ou rezar mais fundo, era a preferida e a que ficava mais próxima de ganhar o troféu no arraial.

Nesses longínquos tempos, as filarmónicas desafinadas percorriam o arraial com garbo tocando nos instrumentos os sons das suas dores, preocupações e magreza de corpo. Os cornetins eram os mais insatisfeitos e das suas campânulas saíam berreiros que se sobrepunham aos restantes instrumentos. Ninguém queria ficar para trás e até os clarinetes tentavam a sorte com as suas estridências que tantas vezes irritavam os colegas de naipe e não só...mas todos os músicos davam o seu melhor até porque o povo não era exigente nem sentia a necessidade do som doce e afinado....O povo queria, sim, que a música os divertisse e os fizesse saltar de forma livre e inebriante.

Nos arraiais de Trás-os-Montes, os romeiros, estendendo a toalha sobre a relva ou pedra, comiam à romana, isto é, cada um dos convivas firmava-se sobre o cotovelo como se estivessem em absoluto repouso contemplativo...enquanto comiam, uma enchente de cegos errantes fazia as despesas da música e uma chusma de cães esqueléticos e olhares sofridos farejavam avidamente à espera que lhes atirassem alguns ossos desnudados...

À volta do santuário e ao som farfalhante das filarmónicas passeavam vaidosos bois e bezerras. O povo juntava-se para ver e admirar o gado ornamentado com fitas e flores. Ninguém queria perder nada da festa, nenhum episódio do arraial, um descante, um bailarico, a homilia do padre, uma desordem ou uma rapsódia de banda...

À noite as danças remoinhavam em muitos pontos do recinto com as bandas a darem o seu melhor. Às tantas da madrugada já depois de muita bebida e atropelos endiabrados as noites ficavam espessa e frias como túmulo e as bandas lá iam tocando, agora só para cumprir calendário...os sons saíam frios e sem brilho e alguns pares adormeciam nas danças embaladoras e fracas. Durante o dia era indescritível a vozeria, o movimento do povo e o som de variadíssimos instrumentos, pífaros, flautas, realejos, harmónios, gaitas de foles, berimbaus e inúmeros adufes à mistura com o canto alegre e frenético das pessoas.

O povo é como um formigueiro intenso. Velhas de preto com peles gretadas, rasgadas por verdadeiros sulcos e bocas enterradas, contemplavam-se na miragem dos santos. Rara era a romaria em que não houvesse forte pancadaria. Os varapaus rodopiavam pelo ar e o vinho de mixórdia espumava nas bocas sendo o ponto de partida para as rijas lutas entre homens à procura de ajuste de contas. Valia muitas vezes as charangas no coreto que ao desafio lançavam torrenciais rapsódias pelas crateras metálicas dos trompetes e trombones para amaciar a bravura azougada de alguns romeiros. Também os foguetes que em abundantes lágrimas no ar polvilhavam de cores o recinto da festa e os montes ao lado, davam brandura aos ímpetos dos zaragateiros. As nuvens de poeira indicavam os lugares da dança. Já no final da festa os romeiros não abandonavam o recinto sem se despedirem do santo e este parecia corresponder com um sorriso nos lábios e com o desejo de os ver no ano seguinte.

Segundo Giddens, na tradição, o passado determina o presente da partilha de sentimentos e crenças coletivas. A dependência também é serva do passado, mas só na medida em que não consegue romper com hábitos de vida que começaram por ser escolhidos livremente. Muitas das tradições, segundo o mesmo autor, não passam de produtos do último par de séculos. Tradição e costume têm condicionado a vida das pessoas durante parte da História da Humanidade. As tradições são pertença de grupos e comunidades. O futuro continuará a ser o encontro contínuo entre a imaginação e a memória, traduzido em atos do corpo e do espírito. O povo já quase

não vai às romarias porque a cultura popular está a desaparecer e com ela morrerá a alma do povo.

aderito.silveira@hotmail.com